

A porta da Assembléia abriu-se e uma pequena multidão de seres e dróides começou a sair para o Grande Corredor, conversando entre si no espectro habitual de linguagens distintas. Olhando para Winter, enquanto as duas caminhavam na direção da multidão, Leia fez um sinal. Era hora de agir.

— Apareceu mais alguém que eu deva saber? — perguntou ela, enquanto passavam pela orla da multidão.

— Só um relatório seguindo o de Pantolomin — afirmou Winter, os olhos percorrendo de forma natural o grupo. — Um caçador de recompensas lá diz que penetrou no estaleiro Imperial de Ord Trasi e quer vender para nós informações sobre as novas construções.

— Já lidei muito com caçadores de recompensa — comentou Leia, sem olhar para os passantes. Winter vigiava e com sua memória perfeita ela se lembraria de todos que passassem perto o suficiente para escutar. — O que faz o coronel Derlin pensar que confiamos nele?

— Ele não tem certeza — disse Winter. — Ofereceu como prova de boa fé uma amostra grátis: diz que três destróieres estelares estão a um mês de serem concluídos. O coronel Derlin disse que o comandante de esquadrilha Harley está projetando um plano para confirmar essa informação.

Estavam agora fora do Grande Corredor, seguindo com um grupo de seres que ainda não se haviam espalhado pelos escritórios e demais salas de conferência.

— Parece arriscado — disse Leia, seguindo o roteiro de diálogos preparado anteriormente. — Espero que ele não pretenda fazer feio.

— O relatório não dava nenhum detalhe, mas havia um adendo querendo saber sobre as possibilidades de emprestar uma nave de alguém que faça negócios com o Império.

O último dos oficiais virou num corredor lateral, deixando as duas sozinhas no corredor com os técnicos, assistentes, pessoal da administração e outros membros do segundo escalão da Nova República. Leia olhou rapidamente os rostos, resolvendo que não valia a pena

repetir o diálogo. Fez um sinal de cabeça para Winter e dirigiram-se para os turboelevadores.

Precisavam de algum lugar onde Ghent pudesse instalar-se sem que rumores sobre os acontecimentos vazassem e uma busca na planta do palácio encontrara o lugar ideal. Era uma antiga sala de um gerador de reserva, selado alguns anos antes, entre os setores de Suprimentos e o Comando de Guerra Espacial no andar de baixo. Leia cortara com o sabre-laser uma nova entrada pelo corredor de serviço; Bel Iblis ajudara com os cabos de energia e de dados e Ghent instalara seu programa decifrador.

Tinham tudo o que precisavam. Menos resultados.

Ghent sentava-se na única cadeira da sala, quando chegaram, olhando para o alto com ar sonhador e os pés apoiados sobre a escrivaninha. As duas entraram e fecharam a porta antes que ele percebesse.

— Oi — cumprimentou ele, baixando os pés sobre o solo.

— Cuidado para não fazer barulho — lembrou Leia, sabendo do perigo dos oficiais que trabalhavam em aposentos contíguos escutarem algo. — O general Bel Iblis já trouxe a última transmissão?

— Faz mais ou menos uma hora — murmurou Ghent, em voz tão baixa que Leia mal escutou. — Acabei de decifrá-los.

Ele tocou uma tecla e uma série de mensagens decifradas apareceu no monitor. Leia colocou-se atrás da cadeira, lendo as letras luminosas. Havia detalhes de projetos militares futuros, algo que parecia uma transcrição de conversa diplomática de alto nível, trechos de mexericos do palácio... e como sempre, a Fonte Delta cobrira todos os assuntos, dos mais importantes aos triviais.

— Lá está um dos nossos — disse Winter, apontando uma frase.

Tratava-se de um relatório não-confirmado da Inteligência no sistema Bpfassh, sugerindo que o *Quimera* e suas naves de apoio haviam sido avistados perto de Anchoron. Era mesmo uma das informações plantadas.

— Quantos escutaram essa frase? — indagou Leia.

— Só quarenta e sete — declarou Winter, já ocupada com a prancheta de dados. — Foi pouco antes das três, ontem à tarde... durante

a segunda sessão da Assembléia... e o Grande Corredor estava quase vazio.

Leia assentiu e voltou a atenção para o monitor. Quando Winter terminou sua lista, ela identificara mais duas informações plantadas. Quando Winter terminou essas duas, Leia encontrara mais cinco.

— Parece que é isso — disse ela, enquanto Ghent recebia os resultados.

— Coloque os dados no seu programa de comparações.

— Certo — anuiu Ghent, lançando mais um olhar admirado a Winter antes de voltar-se para o teclado. Depois de três dias de trabalho, ele ainda não se acostumara com a forma como ela recordava detalhes de cinquenta conversas distintas de um minuto. — Muito bem, vamos ver.... certo. Estamos reduzidos a cento e vinte e sete possibilidades. A maior parte são técnicos e funcionários da administração; tem também alguns diplomatas de outros planetas.

Leia sacudiu a cabeça.

— Nenhum deles tem a possibilidade de obter acesso a tantas informações — raciocinou ela, gesticulando em direção ao monitor. — Tem de ser alguém num posto elevado da estrutura de comando...

— Espere um pouco — cortou Ghent, levantando o indicador. — Você quer um peixe grande e temos um aqui; o Conselheiro Sian Tevv, de Sullust.

Leia franziu a testa.

— Isso é impossível. Ele foi um dos líderes mais antigos da Aliança Rebelde. Aliás, acho que foi ele quem trouxe Nien Nunb e sua esquadrilha particular, depois que o Império tomou o sistema Sullust.

Ghent deu de ombros.

— Não sei nada sobre isso. A única coisa que posso dizer sobre ele, é que escutou os quinze diálogos que foram transmitidos pela Fonte Delta.

— Não pode ser o Conselheiro Tevv — disse Winter, ainda absorta na prancheta. — Ele não estava presente em nenhuma dessas seis últimas comunicações.

— Talvez um dos ajudantes dele estivesse — sugeriu Ghent. — Ele não precisaria estar lá em pessoa.

Winter balançou a cabeça, numa negativa.

— Não. Um dos ajudantes estava presente, mas em apenas uma das seis conversas. Mais importante que isso, o Conselheiro Tevv *estava* presente a duas conversas no dia anterior ao que a Fonte Delta não transmitiu. As nove e quinze da manhã e às duas e quarenta e dois, à tarde.

Ghent consultou as listas mencionadas.

— Você tem razão. Eu não tinha pensado em verificar as coisas sob esse aspecto. Acho que é melhor eu aperfeiçoar o programa.

Atrás de Leia, a porta abriu-se, para permitir a entrada de Bel Iblis.

— Achei que estaria aqui — disse ele à Leia. — Estamos 3 ponto de experimentar o plano Stardust, se quiser assistir.

Tratava-se do último esquema para localizar os asteróides camuflados que Thrawn lançara ao redor de Coruscant.

— Quero, sim. Winter, estarei na sala de guerra quando você terminar aqui..

— Sim, Alteza.

Leia e Bel Iblis saíram e caminharam pelo corredor de serviço.

— Encontraram alguma coisa? — indagou ele, por sobre o ombro.

— Winter ainda está fazendo a lista. Até agora temos cento e trinta possibilidades.

Bel Iblis assentiu.

— Considerando o número de pessoas que trabalham no palácio, eu chamo isso de progresso.

— Talvez. Me ocorreu que esse esquema só vai funcionar se a Fonte Delta for apenas uma pessoa — afirmou Leia. — Se for um grupo, não seremos capazes de descobrir todos por eliminação.

— Pode ser — concordou o general. — Mas passei maus bocados acreditando que poderíamos ter muitos traidores. Na verdade, ainda tenho minhas dúvidas quanto a acreditar que seja um só. Sempre imaginei que a Fonte Delta seria algum tipo de sistema exótico de gravação. Algo que a Segurança ainda não conseguiu localizar.

— Eu mesma observei as varreduras. Não consigo imaginar como possam ter deixado passar alguma coisa.

— Infelizmente, eu também não.

Chegaram à sala de guerra, para encontrar o general Rieekan e o almirante Drayson em pé atrás do console principal.

— Princesa — cumprimentou o general. — Chegou bem a tempo.

Leia levantou os olhos para o monitor visual principal. Um velha nave de carga afastara-se do grupo de naves que patrulhava as órbitas superiores e progredia em direção ao planeta.

— Até onde ela vem? — quis saber Leia.

— Vamos começar logo acima do escudo planetário, conselheira — respondeu Drayson. — A análise pós-combate indica que a maior parte dos asteróides terminou em órbita baixa.

Leia assentiu. Desde que aqueles seriam os mais prováveis para penetração se retirassem o escudo, fazia sentido.

Lentamente, movendo-se com a falta de graça de uma nave comandada à distância, o velho cargueiro aproximou-se.

— Muito bem — ordenou Drayson. — Controle do Cargueiro Um, corte a propulsão e preparem-se para lançar à minha ordem. Prontos? Agora!

Por um instante, não aconteceu nada. A seguir, uma nuvem brilhante começou a aparecer da traseira do cargueiro, girando preguiçosa na esteira deixada.

— *Harrier*, fique a postos com raios iônicos negativos.

— Toda a poeira foi lançada do cargueiro, almirante — informou um dos oficiais.

— Cargueiro Um, pode deixar a área — ordenou Drayson.

— Mas devagar — lembrou Bel Iblis. — Não queremos que ela arraste atrás toda a cortina de poeira.

Drayson olhou de lado para ele.

— Bem devagar — recomendou ao microfone. — Já temos alguma leitura?

— O sinal está chegando forte, senhor — respondeu o oficial aos sensores. — Entre ponto noventa e dois e ponto noventa e oito de reflexividade em todas as faixas.

— Ótimo. Fique de olho — recomendou Drayson. — *Harrier*?

— O *Harrier* está pronto — confirmou outro oficial.

— Disparar raios iônicos negativos. Na menor intensidade. Vamos ver como funciona.

Leia acompanhou no monitor. As partículas de poeira brilhante agruparam-se, à medida que as cargas eletrostáticas formadas pelo cargueiro atingiam a nuvem. Com o canto do olho, ela viu a linha nebulosa do canhão iônico aparecer no Monitor tático, e passar pela poeira, carregando as partículas com a mesma polaridade, para que repelisses umas às outras... e, de repente, a nuvem começou a aumentar de tamanho novamente, espalhando-se pelo monitor como se fosse alguma flor exótica abrindo-se.

— Cessar fogo — ordenou Drayson. — Vamos ver se está bom.

Por um minuto inteiro a flor continuou a abrir-se e Leia descobriu-se olhando o brilho no espaço. Não havia motivo naturalmente. Dada o tamanho do espaço orbital, era improvável que logo na primeira tentativa largassem a nuvem na órbita de um dos asteróides. Mesmo que o corpo celeste camuflado passasse por lá, ainda assim não seria visível no monitor tático, a não ser no momento em que o escudo de camuflagem fosse destruído. Parece que o campo dobrava a luz e os sinais dos sensores ao redor de si mesmos, o que significava que não haveria um ponto negro visível através da poeira.

— A nuvem está começando a se abrir, almirante — informou o oficial encarregado dos sensores. — A taxa de dissipação subiu para doze.

— O vento solar está chegando — murmurou Rieekan.

— Conforme o esperado — lembrou Drayson. — Cargueiro Dois: pode lançar.

Um segundo cargueiro afastando-se do grupo de naves.

— Esse é o método mais lento — comentou Bel Iblis.

— Concordo — afirmou Rieekan. — Gostaria que eles não tivessem perdido aquele emissor CGT que você tinha, em Svivren. Teríamos bastante uso para ele aqui.

Leia assentiu. O emissor CGT, que utilizava campos gravitacionais de cristais, fora projetado inicialmente para detectar a massa de naves camufladas a milhares de quilômetros de distância. Seria ideal para aquele trabalho.

— Pensei que a Inteligência tivesse a pista de um aparelho desses.

— Eles têm pistas sobre a localização de três deles. O problema é que os três se encontram em território do Império — esclareceu Rieekan.

— Ainda não estou convencido de que o emissor CGT seria tão útil aqui — afirmou Bel Iblis. — Nesse alcance curto, acho que a gravidade de Coruscant iria mascarar quaisquer leituras dos asteróides.

— Seria difícil, sem dúvida — admitiu Rieekan. — Mas acho que é nossa melhor opção.

Permaneceram em silêncio enquanto, no monitor principal, o segundo cargueiro atingia a zona de alvo e repetia o procedimento do primeiro. Mais uma vez não obtiveram resultados.

— O vento solar vai ser um aborrecimento — comentou Bel Iblis, quando o terceiro cargueiro partiu. — Podemos até considerar a possibilidade de usar partículas maiores no próximo lançamento.

— Ou mudar o horário da operação para a noite — sugeriu Rieekan. — Isso pelo menos anularia o efeito do...

— Turbulência! — avisou o oficial aos sensores. — Vetor um, um, sete... beirando quatro, nove, dois.

Houve uma corrida para o console dos sensores. Na borda da segunda nuvem, ainda em expansão, aparecera uma linha alaranjada, marcando a turbulência criada pela passagem do asteróide invisível.

— Alinham os sensores nesse vetor — ordenou Drayson. — *Harrier*, dispare quando quiser.

No monitor visual, linhas avermelhadas partiram dos turbolaser do *Dreadnaught*, em direção à trajetória calculada do objeto. Leia observou, apertando as costas da cadeira do oficial a sua frente... e de repente, lá estava: um asteróide amorfo, flutuando à luz das estrelas.

— Cessar fogo — disse Drayson. — Muito bem, cavalheiros. Certo, *Allegiant*, agora é sua vez. Retire o grupo de técnicos de lá e...

Ele interrompeu-se, pois no monitor visual vários riscos vermelhos apareceram ao redor do asteróide. Por um momento brilharam, depois sumiram.

— Desconsiderar a ordem, *Allegiant* — disse Drayson. -4 Parece que o Grande Almirante não quer que ninguém examine mais de perto seus brinquedinhos.

— Pelo menos conseguimos encontrar um deles — opinou Leia.
— Já é alguma coisa.

— Certo. Agora só faltam trezentos — comentou Rieekan. Leia assentiu outra vez e começou a voltar-se. Iria demorar e ela podia voltar para onde estavam Winter e Ghent.

— Colisão! — avisou o oficial dos sensores.

Ela voltou-se. No monitor visual o terceiro cargueiro girava no espaço, a proa danificada e em chamas, com a carga de poeira brilhante espalhando-se em todas as direções.

— Consegue estabelecer um vetor? — indagou Drayson. As mãos do oficial pareciam borboletas sobre o teclado.

— Negativo. Dados insuficientes. Tudo o que posso fazer é estabelecer um cone de probabilidades.

— Tudo bem. Todas as naves, abram fogo. Padrão de bombardeio: sigam o cone, conforme indicado.

O cone apareceu no monitor tático e o agrupamento de naves iniciou o bombardeio.

— Abram o cone para obter probabilidade de cinquenta por cento. Estações de combate, vocês ficam com o cone exterior. Quero que encontrem esse asteróide — disse Drayson.

O encorajamento foi desnecessário. O espaço acima de Coruscant tornara-se uma tempestade de fogo, com disparos turbolasers e torpedos de prótons preenchendo o cone de probabilidades. A zona do alvo expandia-se e contraía-se à medida que os computadores calculavam os caminhos possíveis do asteróide, para a correção instantânea da mira das armas.

Mas não havia coisa alguma... e depois de alguns minutos, Drayson admitiu a derrota.

— Todas as unidades. Cessar fogo! Não adianta. Nós o perdemos.

Não parecia haver mais nada a ser dito. Ficaram ali, em silêncio, observando o cargueiro avariado, bem além do alcance dos raios tratores da frota, girando na direção do escudo planetário, onde encontrariam seu fim. A proa destruída atingiu a superfície do escudo, e os gases resultantes da combustão tornaram-se esbranquiçados, assumindo o tom das ligações atômicas quebradas. Um relâmpago quando o cargueiro se

partiu, e novo lampejo de luz quando a parte traseira atingiu o escudo, espalhando estilhaços escuros quando a fuselagem se despedaçou...

E com um clarão final e difuso, foi destruído.

Leia observou até que as últimas chamas se apagassem, fazendo exercícios Jedi para acalmar-se e retirar a raiva da mente. Permitir-se à luxúria de odiar Thrawn por fazer isso a eles só iria embotar a própria capacidade de raciocínio. Pior ainda, tal ódio seria um passo perigoso em direção ao lado negro.

Sentiu um movimento próximo ao ombro, e ao voltar-se, deparou com Winter, olhando para o monitor, com um traço de dor nos olhos.

— Tudo bem — garantiu Leia. — Não havia ninguém a bordo.

— Sei disso. Estava pensando sobre outra nave que vi terminar assim em Xyquine. Um transporte de passageiros... — disse ela; depois suspirou, e Leia pode perceber o esforço consciente para afastar as memórias sempre vividas e dolorosas. — Quando terminar aqui, gostaria de conversar um pouco, Alteza.

Leia estendeu os sentidos além da expressão neutra de Winter e tocou-lhe os sentimentos. Fosse o que fosse, não se tratava de uma boa notícia.

— Vou agora — decidiu Leia.

Deixaram a sala de guerra e deram a volta aos turboelevadores em direção ao corredor de serviço e a sala secreta de decodificação. De fato, as novas não eram encorajadoras.

— Mas isso não pode ser — argumentou Leia, sacudindo a cabeça ao reler a análise de Ghent. — Nós *sabemos* que existe vazamento de informações no palácio.

— Verifiquei várias vezes, de trás para frente e de dentro para fora — afirmou Ghent. — Sempre obtenho a mesma coisa. Entrei com o nome das pessoas que ouviram e que não ouviram o material que a Fonte Delta enviou; comparei com o nome das pessoas que ouviram ou não ouviram o material que a Fonte Delta *não enviou*; a resposta é a mesma. Zero Ninguém.

Leia digitou a prancheta para ver de novo o procedimento e observou como os nomes da lista desapareciam um a um até não sobrar nenhum.

— Então a Fonte Delta tem de ser, forçosamente, mais de uma pessoa — concluiu ela.

— Já experimentei isso — declarou Ghent, gesticulando sua impotência.

— Não funcionou, também. Seriam necessárias um mínimo de quinze pessoas. Sua Segurança não pode ser tão ruim assim.

— Nesse caso, ele está escolhendo o que transmite. Mandando uma parte do que escuta, mas não tudo.

Ghent olhou para o monitor.

— Acho que é possível — admitiu ele, relutante. — Mas, não sei. Se você examinar algumas das coisas estúpidas que são enviadas... quero dizer, havia um na última transmissão que relatava a conversa de um casal arcona falando sobre que nomes um deles ia dar à ninhada. Ou esse sujeito não se lembra bem das coisas, ou tem uma lista de prioridades muito esquisita.

A porta abriu-se e Bel Iblis entrou.

— Vi quando saiu — disse ele à Leia. — Descobriram alguma coisa?

Sem dizer nada, ela entregou a prancheta de leitura. O general estudou os números, percorrendo-os por duas vezes.

— Interessante... ou essa análise está errada, ou a memória de Winter está começando a falhar... ou a Fonte Delta percebeu nossa presença.

— Por que está dizendo isso? — indagou Leia.

— Porque não está transmitindo mais tudo o que escuta — sugeriu Bel Iblis. — Algo deve ter despertado suspeitas.

— Não acredito nisso. Nunca topamos com nenhum indício de suspeita.

— A alternativa é acreditar que temos um verdadeiro ninho de espiões por aqui... — afirmou o general, interrompendo-se ao ter uma idéia. — Esperem um pouco. Isso não é tão mal assim. Se presumirmos que ele não percebeu logo, ainda assim poderíamos usar as listas dos primeiros dois dias para obter uma lista com um número razoável de suspeitos.

— Garm, estamos falando sobre cerca de cem membros confiáveis da Nova República. Não podemos acusar tantas pessoas assim de traição

— argumentou Leia. — As acusações de Fey'lya contra o almirante Ackbar já provocaram agitação suficiente. E essas seriam de uma magnitude muito maior.

— Sei disso, Leia. Mas não podemos deixar o Império continuar escutando nossos segredos. Ofereça uma alternativa — pediu Bel Iblis.

Leia mordeu os lábios, a mente trabalhando depressa.

— E quanto aquele comentário que você fez na sala de guerra? Você disse que talvez a Fonte Delta fosse alguma forma exótica de gravação.

— Se isso é verdade, deve ficar próxima ao Grande Corredor — disse Winter, antes que Bel Iblis tivesse oportunidade de responder. — Foi onde todas as conversas transmitidas se originaram.

— Tem certeza disso? — indagou o general, franzindo a testa.

— Absoluta. Todas elas.

— Então só pode ser isso — disse Leia, excitada com a nova perspectiva. — De alguma forma, alguém colocou um sistema de escuta no Grande Corredor.

— Não se anime muito — avisou Bel Iblis. — Sei que parece uma boa teoria, mas não é tão fácil assim. Sistemas de microfones possuem características bem definidas, todas bem conhecidas dos técnicos, e que podem ser localizadas com urna varredura bem feita.

— A menos que fique inerte quando os agentes fazem a varredura — sugeriu Ghent. — Já vi sistemas que fazem isso.

O general balançou a cabeça num gesto negativo.

— Nesse caso você está falando sobre algo que possua, no mínimo, capacidade de tomar decisões. Qualquer coisa com o nível de inteligência de um dróide seria...

— E isso! — interrompeu Ghent. — A Fonte Delta não é uma pessoa. É um dróide.

— Isso é possível? — perguntou Leia a Bel Iblis.

— Não sei. Implantar programação secundária de espionagem num dróide é uma coisa viável. O problema é como conseguir que essa programação passe despercebida pelas verificações rotineiras do palácio e como evita as varreduras da contra-inteligência.

— Teria de ser um dróide com um bom motivo para andar pelo Grande Corredor — lembrou Leia. — Mas que também possa sair sem atrair atenção, sempre que comece um procedimento de varredura.

— E com o tipo de informações de alto nível escutadas no Grande Corredor, essas varreduras são bastante freqüentes — concordou o general.

— Ghent, você pode penetrar nos arquivos da Segurança e conseguir uma listagem do número de varreduras realizadas nos últimos três ou quatro dias?

— Claro — respondeu o rapaz. — Só que vai demorar um par de horas. A menos que não se importe que eles percebam.

Bel Iblis olhou para Leia.

— O que acha?

— Não queremos que ele seja apanhado. Por outro lado, não queremos dar trânsito livre à essa maldita Fonte Delta no palácio por um tempo maior do que o necessário.

— Alteza? — chamou Winter. — Desculpe, mas me parece que se as varreduras são tão freqüentes, tudo o que precisamos fazer é observar o Grande Corredor quando estiverem fazendo a varredura, para ver quais os dróides que saem do local.

— Vale a pena tentar — concordou Bel Iblis. — Ghent, mãos à obra. Leia, Winter... vamos.

— Estão chegando — avisou Winter, pelo comunicador de Leia.

— Tem certeza que são da Segurança do palácio? — perguntou Bel Iblis.

— Tenho. Vi o coronel Bremen dando ordens a eles. E estão trazendo dróides e equipamento — respondeu Winter.

— Parece que é agora. Fique de olho — avisou Leia, esperando que os três kubaz sentados no sofá perto dela não reparassem em seu comportamento estranho.

Escutou os murmúrios de assentimento de todos os que estavam a postos. Baixando a mão para o colo, Leia olhou ao redor. Chegara a hora de deflagrar o mais eficaz golpe na Fonte Delta. Com uma reunião da assembléia terminando de abrir as portas, e uma reunião do Conselho a ponto de começar, o Grande Corredor estava cheio de oficiais de alta patente. Ao lado deles, os ajudantes e assessores e seus dróides.

Por um lado, Leia sempre soube como os dróides eram comuns no Palácio Imperial. Por outro lado, começava a compreender que não tinha a menor idéia sobre o número deles. Existiam alguns dróides de protocolo 3PO à vista, a maior parte acompanhando grupos de diplomatas alienígenas, mas alguns com grupos oficiais do palácio. Pairando sobre a multidão em seus microrrepulsorlifts, um par de dróides insetóides de manutenção, que limpavam sistematicamente os entalhes e os vitrais que se alternavam ao longo das paredes. Uma fila de dróides MSE passou perto da parede mais distante, entregando mensagens complexas demais para serem transmitidas pelo comunicador, ou sigilosas, todos tentando não serem atingidos pelos pés dos transeuntes. Na árvore ch'hal mais próxima, às vezes visível através da multidão, havia um dróide de manutenção MN-2E, retirando com cuidado as folhas mortas.

Qual deles teria o Império tornado num espião?

— Estão começando — avisou Winter. — Em fila no corredor...

Um ruído estranho surgiu no comunicador, como se Winter tivesse colocado a mão sobre o microfone. A seguir, mais uma série de sons abafados. Leia imaginava se deveria ou não locomover-se para investigar, quando uma voz de homem se fez ouvir.

— Conselheira Organa Solo?

— Ela mesma. Quem está falando?

— Tenente Machel Kendy, conselheira. Da Segurança do palácio. Está consciente de que existe outra pessoa ligada neste canal?

— Estávamos conversando com o general Bel Iblis, tenente — garantiu Leia.

— Estou vendo — disse Kendy, parecendo desapontado.

— Terei de pedir para suspender a conversa por alguns minutos, conselheira. Estamos a ponto de fazer uma varredura no Grande Corredor e não podemos ter comunicadores ligados na área.

— Entendo. Vamos esperar até que você tenha terminado — concordou Leia.

Desligou o comunicador e colocou-o no cinto, sentindo nos ouvidos o coração bater. Girando de forma casual no banco, certificou-se de poder observar a ponta do Grande Corredor. Se houvesse um

dróide espião presente, ele viria naquela direção assim que notasse os homens da segurança vindo pelo outro lado.

Acima, os dróides flutuadores de limpeza foram substituídos por um outro tipo de dróide, que verificavam toda a superfície das paredes e dos entalhes no teto, procurando microfones ou sistemas de gravações implantados desde a última varreduras. Diretamente abaixo deles, Leia enxergou o tenente Kendy e seu grupo caminhando em formação militar pelo corredor e observando os mostradores dos aparelhos pendurados ao ombro. A fila alcançou a área do saguão, passou por ela e continuou sem incidentes até o final do corredor. Lá aguardaram, deixando que os dróides SPD e um grupo de MSE terminassem sua parte da varredura. Com a formação estabelecida, todo o grupo desapareceu na direção dos escritórios do Conselho Interno.

Havia acabado. Todo o Grande Corredor sofrerá uma varredura, que resultará em nada... e nem um único dróide abandonara a área.

Um movimento na lateral chamou sua atenção. Porém era apenas o dróide de manutenção MN-2E que cuidava da ch'hala que crescia ao lado do sofá. Resmungando consigo mesmo, o dróide começou a enfiar sensores delicados entre a folhagem, procurando folhas mortas, ou que estivessem morrendo.

Mortas ou morrendo. Como a teoria que desenvolveram.

Com um suspiro, Leia apanhou o comunicador.

— Winter? Garm?

— Estou aqui, Alteza.

— Eu também — disse Bel Iblis. — O que aconteceu?

— Absolutamente nada. Não vi nenhum dos dróides evitá-los.

— Certo — respondeu o general, fazendo um instante de silêncio.

— Bem... pode ser que nosso dróide não tenha vindo, hoje. Precisamos enviar Winter até Ghent e pedir que ela adicione dróides à lista.

— O que acha, Winter?

— Posso tentar. O problema será identificar dróides específicos. Externamente, um dróide de protocolo parece com outro.

— A gente trabalha com o que puder — afirmou Bel Iblis. Está em algum lugar por aqui. Posso sentir isso.

Leia conteve o fôlego, projetando seus sentidos Jedi. Não possuía o instinto de combate do general, nem a habilidade de Luke, mas

também podia sentir. Era alguma coisa no Grande Corredor...

— Acho que tem razão, Garm. Winter, é melhor começar logo.

— Pois não, Alteza.

— Vou com você, Winter — ofereceu Bel Iblis. — Quero ver o que está acontecendo com o Projeto Stardust.

Leia desligou o comunicador e inclinou-se no assento, fatigada e desestimulada, teve de acompanhar sua mente, apesar dos esforços para contê-la. Parecia uma boa idéia, usar os códigos decifrados de Ghent para identificar a Fonte Delta. Mas até então, cada pista parecia dissolver-se.

E o tempo se esgotava. Mesmo que pudessem manter secreto o trabalho de Ghent, o que não era certo, cada um desses recursos os levavam ao dia inevitável em que a Fonte Delta iria reparar em toda a atividade gerada e cessaria as transmissões. Quando isso acontecesse, a chance de identificar o espião do Império entre eles desapareceria.

Isso se constituiria num desastre. Não pelo vazamento de informações em si, pois a Inteligência do Império sempre roubara informações, desde o tempo da Aliança Rebelde e eles davam um jeito de sobreviver. O que era muito mais perigoso para a Nova República era a aura de suspeita e desconfiança que a própria existência da Fonte Delta no palácio provocava. As acusações do conselheiro Fey'lya contra o almirante Ackbar já haviam demonstrado o que a desconfiança poderia acarretar a uma coalizão multirracial, de equilíbrio delicado. Se fosse descoberto um verdadeiro agente do Império entre a liderança da Nova República...

Do outro lado do sofá circular, os três kubaz levantaram e afastaram-se, dando a volta à árvore ch'hala com o dróide e desaparecendo no fluxo de transeuntes. Leia descobriu-se examinando o dróide, observando como o braço respeitava as folhas vivas ao apanhar um pequeno tufo de folhas mortas, tempo todo resmungando baixo. Recordou o breve encontro que tivera com um dróide-espião no planeta de Honoghr, a terra dos noghri. Naquela oportunidade conseguira evitar o desastre com esse encontro, que salvara a raça dos noghri. Se gel Iblis estivesse certo, e a Fonte Delta fosse mesmo um dróide e não um traidor...

Mas o Império não teria conseguido infiltrar um dróide-espião no palácio sem a colaboração de um ou mais dos seres que viviam ali. A Segurança invariavelmente fazia uma verificação completa de todos os dróides que entravam no palácio, fosse em base permanente ou temporária; sabiam o que procuravam. Programação secundária de espionagem saltava aos olhos como o vermelho contra um fundo neutro, como o padrão na árvore ch'hala...

Leia franziu a testa, olhando para a árvore, enquanto a corrente de pensamentos cessava. Viu mais uma mancha vermelha aparecer no tronco esguio, enviando círculos concêntricos encarnados pelo tronco, até desaparecer em um torvelinho violeta. Os círculos desapareciam um após o outro, originando-se todos do mesmo local no tronco. E cada um deles sincronizado com os ruídos do dróide MN-2E.

De repente a idéia chegou, como um balde de água gelada. Retirou o comunicador do cinto com dificuldade, pois os dedos tremiam. Digitou a chamada para a operadora na central do palácio.

— Aqui é a conselheira Leia Organa Solo — identificou-se ela. — Me ligue com o coronel Bremen, na Segurança.

Respirou fundo para acalmar-se e continuou.

— Diga a ele que encontrei a Fonte Delta.

Tiveram de cavar quase oito metros para baixo antes de encontrarem o que buscavam. Um tubo longo, largo e marcado pela idade, que estava enterrado ao lado das raízes finas da árvore ch'hala; num dos lados entravam milhares de pontas finíssimas das raízes e do outro saíam fibras de transmissão. Mesmo então, precisaram de mais uma hora e dos relatórios preliminares antes que Bremen ficasse convencido.

— Os técnicos dizem que nunca viram nada parecido —. disse o chefe de segurança para Leia, Bel Iblis e Mon Mothma ao lado do buraco cavado.

— Aparentemente é razoável. Qualquer pressão no tronco das árvores, incluindo as ondas sonoras, dispara mudanças químicas nas camadas internas do tronco.

— Que é o que provoca a alteração de cores e os padrões? — quis saber Mon Mothma.

— Exato — anuiu Bremen. — Os padrões são rápidos demais para não serem bioquímicos. Aqueles tubos implantados nas raízes analisavam continuamente as substâncias e as enviavam para o módulo enterrado. Esse módulo transforma os dados químicos em pressão outra vez e daí para a fala. Algum outro módulo, talvez enterrado mais fundo, escolhe as conversas e prepara tudo para a codificação e transmissão. É só isso.

— Um microfone orgânico — disse Bel Iblis. — Nenhuma parte eletrônica à vista para ser detectada por uma varredura.

— Na verdade, uma série de microfones — corrigiu Bremen, olhando para as fileiras duplas de árvores ch'hala ao longo do Grande Corredor. — Vamos nos livrar delas, de qualquer forma.

— Um plano tão brilhante — comentou Mon Mothma. — Parecido com ele. Sempre me perguntei como ele conseguia as informações que usava contra nós no Senado... mesmo depois da morte, o Imperador consegue nos atingir.

Bem, essa parte pelo menos deixou de ser um problema — afirmou Bel Iblis, aliviado. — Vamos reunir um bom grupo de homens, coronel e cavar algumas árvores.